

O racismo e a África do Sul

MILTON BIGUCCI

1479
 Estivemos visitando a África do Sul e tivemos inúmeras surpresas. Uma que muito nos impressionou foi a limpeza e arborização de suas cidades, com sua arquitetura inglesa e holandesa. Os veículos com o volante na direção direita e trânsito pela mão esquerda, ao contrário da nossa. Lá estando, chamou-me a atenção a manchete do jornal "The Star", de Johanesburgo, de 23/02/96: "O mundo observa escola racista na medida em que os brancos afastam suas crianças negras em suas salas de aula". Mais de seiscentos alunos não foram à escola que receberia, naquela data, 16 alunos negros. Apenas 20 crianças brancas compareceram. O restante boicotou ou por racismo, ou por medo, ou por precaução de conflitos de seus pais. Um aparato militar foi montado para que as crianças pudessem adentrar a escola.

Um país, pelo que sentimos, que adora seu presidente Nélson Mandela. Tanto os brancos, quanto os negros. Há dois vice-presidentes, um branco e outro negro. Com a abertura democrática, a partir de 1992, com o fim do apartheid os negros passaram a ter os mesmos direitos e obrigações. Mandela governa sem revanchismo desde as eleições de abril de 1994.

Não foi por acaso que ele e o anterior presidente, Frederick De Klerk, ganharam o Prêmio Nobel da Paz em 1993.

Alguns brancos ainda não se conscientizaram e alguns negros passaram para a marginalidade. Johanesburgo, hoje, é uma das cidades mais violentas do mundo. Os negros habitam o centro. Grande parte das casas têm cercas de arame farpado eletrificadas.

Realmente, ficaria difícil seguir o problema social de um país com mais de 70% de negros na sua população, que hoje é de 42 milhões de habitantes, e que outrora viviam subjugados pelos brancos. Os negros nem mesmo votavam.

Há perto de 100 mil perus que transportam os negros do Centro para o Soheto (bairro onde residem). Cada uma pertence ao seu motorista. Os ônibus são pouco utilizados. Era o transporte usado anteriormente só pelos brancos. A tradição continuou. A segregação racial é forte, embora perante a lei todos sejam iguais. Esta busca de igualdade demorará anos para ser alcançada. É um problema cultural.

Há muito desemprego e pouco investimento.

O turismo está em alta, atraiendo muito europeu e asiático.

Os safáris são muito interessantes, pois são feitos em reservas naturais, com os animais soltos em seu habitat. São elefantes, antílopes, leões, macacos, rinocerontes, e outros, vivendo naturalmente na savana. Os turistas os "caçam" a partir das 5 horas da manhã em caminhões abertos, fotografando e filmando.

A maior reserva natural é o Park Kruger, com 20 mil quilômetros quadrados.

As estradas da África do Sul são ótimas. Frota de veículos novos, com montadoras Mercedes-Benz, BMW etc. Sua moeda, vale 4 por um dólar. A língua inglesa é obrigatória e praticamente todos a falam, além dos idiomas de várias tribos, destacando-se o zulu. Mesmo após o fim do apartheid, por opção própria, algumas tribos não quiseram se integrar nas cidades.

Na capital administrativa, Pretória, com ruas rodeadas de pés de jacarandás, há uma universidade, a Unisa, onde estudam 120 mil alunos por correspondência. Na universidade pública, o pagamento é obrigatório.

A grande preocupação de Nélson Mandela é governar sem expulsar os colonizadores brancos e colocar o negro no contexto social. É um país que promete.

Não vimos muitas construções. Apenas alguns poucos e raros conjuntos de casas populares, onde o governo constrói primeiros centenas de banheiros nos fundos dos lotes de terreno. Só depois vem a construção das casas.

Há cidades bem construídas, como Durban, banhada pelo Oceano Índico, onde Gandhi viveu por vinte anos. Capetown (com criação de pinguins), onde está o nosso conhecido Cabo da Boa Esperança ou Cabo das Tormentas, Port Elizabeth e Sun City, onde há um hotel de 6 estrelas, o The Palace (350 apartamentos), um verdadeiro palácio de causar inveja a qualquer um do mundo.

A África do Sul tem alimentação boa, muita fruta e verdura. Bom vinho. Grandes jazidas de diamantes, ouro e carvão. Muito gado e o verde das pastagens é forte.

Se houver uma superação do problema racial, com seus conflitos sempre em potencial, a África do Sul poderá vir a ter novamente um grande desenvolvimento econômico, com atração de capitais e solução dos seus problemas sociais.

Vale conhecer este belo país.

Milton Bigucci é conselheiro vitalício da Associação Comercial de São Paulo

1679

O MUNDO**Comissão apura crimes do
'apartheid' na África do Sul**

• A Comissão Verdade e Reconciliação começará nos próximos dias a percorrer a África do Sul para ouvir vítimas do *apartheid* e oferecer anistia aos dispostos a confessar crimes. Seu presidente, o arcebispo Desmond Tutu, disse ao GLOBO que considera a transição na África do Sul um milagre.

Página 60

27 MAR 1998

27 MAR 1998

INTERNACIONAL

Mandela versus Mandela

Acusação de adultério e confissões íntimas marcam o divórcio de Nelson e Winnie Mandela

Nos 27 anos em que permaneceu na cadeia por lutar contra o regime racista da África do Sul, entre 1963 e 1990, o advogado Nelson Mandela escreveu incontáveis cartas de amor à sua mulher, Winnie. Solitário nas longas noites do cárcere, tratava-a de "minha amada", a mulher que o fazia ter vontade de cantar e despertava "as mil fogueiras" de seu coração. Na segunda-feira passada, dia 18, durante audiência na Suprema Corte de Johannesburgo, a "amada" das cartas viu um sapo, e o preso apaixonado, um acusador implacável. Nelson Mandela, 77 anos, presidente da África do Sul desde 1994, só se referiu a Winnie como "a acusada". Diente do juiz que decidiria sobre seu pedido de divórcio, afirmou: "Nem o universo inteiro me pedisse para me reconciliar com a acusada eu não aceitaria".

A África do Sul parou para acompanhar o capítulo final dessa história. Não é todo dia que um estadista do porte de Mandela, prêmio Nobel da Paz e símbolo vivo da luta contra o apartheid, confessou publicamente sua condição de marido traído. Impediu num terno e colete cinza, gravata prateada, durante a audiência Mandela lavou a roupa suja do casal ao atribuir a Winnie a culpa pelo fim do casamento. "Desde que saí da prisão, a acusada nunca entrou em nosso quarto quando eu estava acordado", revelou. "Fui o mais solitário dos homens enquanto estive com ela."

O presidente saiu do tribunal com a sentença do divórcio no bolso, deixando para trás um casamento de 38 anos. Seu discurso, no entanto, lapidado sob medi-

da para cativar os ouvintes, omite fatos importantes. Mandela está longe de ser solitário. Seu currículo depois da libertação, em 1990, é o de um infatigável dom Juan. Só no ano passado, segundo a imprensa sul-africana, ele teve pelo menos três namoradas: a viúva do presidente moçambicano Samora Machel, uma cantora de jazz e uma universitária de 24 anos — que Mandela apresentou à rainha Elizabeth II, da Inglaterra, como se fosse sua neta.

MULHER COMUM — Durante a audiência no tribunal, Winnie ouviu em silêncio as acusações de Mandela. Ela dispensou o advogado e recusou-se a depor. "Eu não sou um presidente, sou apenas uma mulher comum", argumentou. No dia seguinte, não compareceu à audiência em que se discutiria a repartição dos bens do casal. Mandela ofereceu um acordo financeiro extrajudicial à ex-mulher. Esse é um capítulo delicado. O patrimônio do líder negro é um segredo. Winnie fala em 10 milhões de dólares — quantia que, se confirmada, colocará o presidente sul-africano na complicada situação de ter de explicar a origem dessa fortuna. Ele passou metade de sua vida adulta na prisão e, antes, trabalhava duro como advogado. O Nobel da Paz lhe rendeu 400 000 dólares, boa parte dos quais reverteu para um fundo de beneficência para crianças órfãs. Além disso, recebe salário de presidente da República e os direitos autorais de seu livro autobiográfico. Mas nem todas as fontes de renda somadas poderiam sustentar um patrimônio de 10 milhões de dólares.

Apagada e deprimida, a Winnie Mandela que compareceu ao tribunal não guardava nenhuma semelhança com a militante desarmada que agüentou o rojão nas duas décadas históricas (70 e 80) da luta antiapartheid, enquanto seu marido estava atrás das grades. Naquela época, presa e banida pela polícia racista mais de vinte vezes, ela ganhou o apelido de "Mae África", e um gosto pelo discurso incendiário que ainda encanta as platéias radicais e lhe rende votos. Hoje, com 61 anos, Winnie coleciona escândalos, mete-se em falcatruas e dedica-se com afinco ao consumo pernudário e extravagante. Mandela, no tribunal, informou que Winnie recebe o equivalente a 4 000 dólares por mês como deputada, mas gasta cinco vezes mais.

Assim que o juiz decidiu conceder o divórcio, Winnie foi embora sem devolver o olhar — o único — que Mandela lhe dirigiu durante o dia. Não havia nada mesmo a fazer. Winnie, afinal, não podia contestar a acusação principal — de adul-



Nelson (na saída do tribunal) e Winnie, hoje, e em 1958, o ano do casamento: a "bem-amada" de antes agora é "a acusada"

numa maracatua de desvio de recursos públicos para a construção de casas populares (parte do dinheiro teria ido parar nas mãos de seu amante) e não entregou à Liga um cheque de 140 000 dólares que recebera, como doação, da primeira-ministra paquistanesa Benazir Bhutto. De quebra, deu inúmeros calotes na praça. Num deles, quase perdeu a hipoteca de sua mansão de 200 000 dólares em Soweto. Ficou devendo 30 000 dólares do aluguel de um jatinho que a levou, juntamente com o genro, para uma malsucedida viagem de negócios a Angola.

Ainda assim, sempre que falava ou escrevia sobre a mulher, Mandela revelava um inescapável sentimento de culpa em relação às suas obrigações de marido e pai. Ele a conheceu em 1958 num ponto de ônibus e se apaixonou na hora. "Ela era estonteante", escreveu em sua autobiografia, *Longo Caminho para a Liberdade*. Mandela saiu de um primeiro casamento (sua mulher, Evelyn, converteu-se à seita Testemunhas de Jeová e não quis mais saber do marido). Winnie, dezesseis anos mais moça, trabalhava como assistente social. Casaram-se naquele ano, mas o tempo para o romance era escasso — Mandela já mergulhara na militância. Cinco anos depois, em 1963, foi preso e condenado à prisão perpétua. Como que desculpando Winnie pela desintegração do casamento, Mandela escreveu: "Ela casou-se com um homem que pouco depois a deixou sozinha; esse homem tornou-se um mito; e o mito regressou, demonstrando, afinal, ser apenas um homem".

tório. Como prova da infidelidade, havia uma carta manuscrita que ela remeteu em 1992 ao amante, o advogado Dali Mpofu, 29 anos mais moço que Winnie. No texto, redigido depois de um bate-boca com o namorado, ela reprimira Dali por ter outras amantes e qualificava uma delas como "aquela bruxa branquela". No tribunal, com uma cópia do texto na mão, o presidente Mandela não comentou o conteúdo da carta. "Eu conheço bem a letra da acusada", limitou-se a dizer.

CALOTES NA PRAÇA — O divórcio, tão amargo e ressentido quanto o da maioria dos casais, joga uma pá de cal sobre o que poderia ser uma das grandes histórias de amor do século XX. Nos 27 anos em que Mandela ficou na prisão, de 1963 a 1990, Winnie só tinha permissão para visitá-lo duas ou três vezes por ano, ora sozinha, ora acompanhada pelas duas filhas do casal, Zenani e Zindzi. Os dois não podiam tocarse, pois um vidro espesso os separava.

Liberado o marido, constatou-se que o casamento já naufragara. Não havia amor, conversa nem sexo. Ainda assim, Mandela jogou seu peso e prestígio a favor da mulher quando ela foi julgada, em 1991, pelo sequestro e morte de um militante negro adolescente. Embora estivesse envolvida no crime, Winnie escapou da condenação (dois membros de sua gangue de guardacostas foram para a cadeia). Radical e articulada, ela estabeleceu sua própria base em Soweto, o grande subúrbio negro de Johannesburgo, no final dos anos 80. Por essa razão, o Congresso Nacional Africano, CNA (o principal movimento antiapartheid), convenceu-se de que não era bom negócio deixá-la por perto do presidente.

Só em 1992, no entanto, quando a carta comprometedora enviada por Winnie ao amante chegou às mãos de Mandela, é que o líder negro decidiu separar-se. Dali em diante, Winnie aprontou todas, principalmente depois de conquistar a presidência da Liga das Mulheres do CNA. Envolveu-se

África do Sul passa a limpo a história do 'apartheid'

Comissão Verdade e Reconciliação começa a tomar depoimentos que prometem trazer à tona as atrocidades do passado

Gabriela Máximo

• O ex-policial sul-africano Eugène de Kokh não gostava de negros. Na década final do apartheid, matou, torturou, realizou atentados e é acusado de ter cometido 122 crimes na época acobertados pelo regime racista de minoria branca. Agora, com os negros há dois anos no poder, De Kokh está disposto a confessar tudo. Assim como ele, milhares de pessoas que participaram da repressão nas décadas de 60, 70 e 80 na África do Sul começarão nos próximos dias a contar os crimes que cometem à Comissão Verdade e Reconciliação, que durante 18 meses percorrerá o país apurando as atrocidades do passado, ouvindo as vítimas e oferecendo anistia aos criminosos que se dispuserem a sair da sombra para passar a limpo os acontecimentos de um dos regimes mais crueis da História recente.

Até o fim da semana, 50 pessoas haviam procurado a comissão em busca de anistia. Espera-se que nos próximos dias outras duas mil, que já tinham entrado com pedido de imunidade antes de a lei que criou a anistia ser aprovada, também se apresentem. Por ironia, os criminosos do apartheid irão confessar seus pecados a um negro, o arcebispo Desmond Tutu, que ganhou o Prêmio Nobel da Paz por sua luta contra o regime racista e foi escolhido para presidir a Comissão.

No início de fevereiro, quando os 17 integrantes da comissão se reuniram para receber a bênção do arcebispo Tutu na Catedral de St. George, na Cidade do Cabo, o presidente Mandela pediu que os sul-africanos se unam para "sair as feridas do passado". Mas num país marcado por uma história de violência e humilhação as desconfianças persistem.

Muitos temem que acabe existindo uma Comissão de Vingança e que haja uma caça às bruxas. A verdade é um aspecto, mas a reconciliação é o que importa. Deve haver perdão.

As confissões serão voluntárias e até agora apenas os escalões mais baixos do antigo regime — a maioria integrantes das forças de defesa — se dispuseram a falar.

— Mas o que é importante é que, quando começarem a revelar seus crimes, essas pessoas vão, com certeza, incriminar outras, de escalação mais alto, e cada vez surgirão nomes mais importantes envolvidos — disse, por telefone, o jornalista Mondli Makhania, do jornal "The Star", de Johanesburgo.

Comissão também ouvirá filiados do CNA

A Comissão Verdade e Reconciliação ouvirá todos os envolvidos nos conflitos políticos e raciais do passado, não apenas os que atuaram na repressão. O Congresso Nacional Africano (CNA), do presidente Nelson Mandela, está pedindo a seus filiados que se apresentem por considerar que nada tem a esconder sobre a luta armada que travou pela liberdade. Os primeiros sinais de insatisfação já surgiram. Parentes de pelo menos dois ativistas negros assassinados entraram na Justiça pedindo que a anistia aos criminosos seja considerada constitucional. São as filhas do advogado Mxungi Griffith, da província de KwaZulu-Natal, assassinado junto com a mulher; e a viúva de Steve Biko, mártir da resistência ao apartheid, torturado e assassinado em 1977 pela Polícia, cuja história foi retratada no filme "Um grito de liberdade", do diretor Richard Attenborough. As famílias se sentem traídas. Exigem punição para os culpados e indenização ao Estado.

Será um alívio para todo o país — acredita o jornalista Greg Dargan, editor do jornal "The Mercury", da cidade de Durban, na Província de Natal, onde houve grandes massacres nos anos 80.

Só conseguirão anistia os que comprovarem ter cometido crimes por motivação política e garantirem estar contando a história completa, requisitos que muitos consideram subjetivos demais para assegurar a verdade.

— O fato de se levarem as pessoas a confessar não quer dizer que elas dirão a verdade, sobretudo quando terão a chance de incriminar outras pessoas. Além disso, nossos agentes de segurança não são particularmente famosos por falar a verdade — diz a diretora de pesquisa do Instituto de Relações Raciais de Johanesburgo, Jill Wentzel.

Famílias de dois ativistas pedem indenização ao Estado

Os primeiros sinais de insatisfação já surgiram. Parentes de pelo menos dois ativistas negros assassinados entraram na Justiça pedindo que a anistia aos criminosos seja considerada constitucional. São as filhas do advogado Mxungi Griffith, da província de KwaZulu-Natal, assassinado junto com a mulher; e a viúva de Steve Biko, mártir da resistência ao apartheid, torturado e assassinado em 1977 pela Polícia, cuja história foi retratada no filme "Um grito de liberdade", do diretor Richard Attenborough. As famílias se sentem traídas. Exigem punição para os culpados e indenização ao Estado.

No outro extremo, o ex-ministro da Defesa, general Magnus Malan, se recusou a pedir anistia por considerar que agiu dentro da lei na repressão aos negros. Acusado de ter ordenado a matança de 13 pessoas — das quais cinco eram crianças — em KwaZulu-Natal, em 1987, tornou-se o primeiro integrante do alto escalão do antigo regime a ser julgado pelos crimes do apartheid. Assim como os trabalhos da Comissão Verdade e Reconciliação, o julgamento de Malan poderá fazer importantes revelações sobre como o regime racista operava.

Por isso, já se prevê forte constrangimento dentro do Governo de conciliação, liderado pelo CNA de Mandela, e compartilhado com o Partido Nacional. O último presidente branco da África do Sul, Frederik de Klerk, é o vice-presidente e há um bom número de brancos no Ministério. Nos dois anos de Governo Mandela, os sul-africanos vêm dando repetidas provas de tolerância racial. Um exemplo citado com frequência é o do advogado Griffith: seus algozes confessaram o crime em 1989 e não sofreram represálias por parte de parentes da vítima.

— Não acredito que vá haver vingança quando a Comissão começar a atuar. De um modo geral os sul-africanos têm sido muito condescendentes. Mas as pessoas querem conhecer a verdade sobre o que aconteceu — diz o jornalista Makhania. Ele mesmo cresceu vendo de perto a violência no bairro negro onde nasceu em Durban. ■

VIDE - VERSO



POLICIAL SUL-AFRICANO imobiliza jovem negro na favela de Guguleto, na Cidade do Cabo: uma longa história de humilhações, violência e dominação

CORPO A CORPO

ARCEBISPO DESMOND TUTU

"Estamos começando a viver juntos como uma nação"

• Com Mandela preso, ninguém mais do que o arcebispo Desmond Tutu contribuiu para levar ao mundo a mensagem da maioria negra durante o "apartheid". Agora, é ele quem preside a Comissão Verdade e Reconciliação, que apura os crimes. Em entrevista ao GLOBO, por telefone, disse que considera um milagre o caso da África do Sul.

O GLOBO: Será possível reconciliar o país após tantos anos de apartheid?

TUTU: Já se passaram quase dois anos de nossa eleição. Temos um Governo de união nacional, 11 idiomas oficiais, três hinos nacionais e do lado do Governo já fizemos avanços consideráveis em direção à reconciliação. O Governo é formado por pessoas que até 1990 estavam lutando umas contra as outras. Do lado do povo, vimos coisas impressionantes: durante a Copa Mundial de Rugby, recentemente, houve comemorações em todo o país pela vitória num esporte que até agora era eminentemente branco, na verdade, um esporte afrikaner (minoria branca de origem holandesa, mais conservadora). Houve muita comemoração nas áreas negras. E quando ganhamos o campeonato de futebol também houve o mesmo. Estes são indícios de que estamos começando a viver juntos como uma nação.

• O senhor teme que haja um sentimento de vingança quando as atrocidades do passado começarem a ser reveladas?

TUTU: Já há famílias, como a de Steve Biko, que se opõem à comissão porque acham que lhes está sendo negada a justiça. Mas no momento temos dois julgamentos em curso — o de Eugene de Kock e o do general Malan, ministro da Defesa do último Gover-

no do apartheid. Revelações de atrocidades estão sendo feitas quase diariamente na imprensa e não há sentimento de vingança.

• Ainda há muito ódio racial no país?

TUTU: Talvez alguns afrikaners que ainda se acham uma raça superior. Mas o que tem sido notável é a transição do apartheid para o que vemos surgir diante dos nossos olhos.

• O Governo Mandela fará dois anos. Está correspondendo às expectativas?

TUTU: Está se saindo muito bem. As pessoas do CNA não tinham nenhuma experiência no Governo, do qual eram excluídas por definição. Muitos pensavam que o país pegaria fogo. Mas o mundo viu com espanto e admiração como Nelson Mandela, com todo a dor que sofreu, demonstrou ter desejo de perdoar. Hoje vêem um país estável e próspero. Há áreas que não vão muito bem, como a da moradia, mas o Governo herdou um legado do terrível do regime anterior, como a má distribuição dos recursos, utilizados para sustentar um regime injusto. Muitos milhões foram gastos em guerras desnecessárias em Angola e na Namíbia. Você pode imaginar o que o país poderia ter sido se Nelson não tivesse passado 27 anos na prisão? Muitos diriam que os 27 anos ajudaram a torná-lo quem ele é hoje.

Mas poderíamos ter nos beneficiado do grande homem que ele é muito antes. Foi um desperdício de recursos humanos e financeiros.

• Em sua experiência pessoal, o que mais lhe marcou no passado?

TUTU: Foi ver o sistema tentando atingir uma pessoa, atingindo sua família. É muito difícil suportar. Me marcou também ter ido

a locais de massacres, onde pessoas haviam acabado de ser assassinadas.

• Há algo que o senhor gostaria particularmente de esquecer?

TUTU: É difícil dizer... Gostaria que o que houve com Steve Biko não tivesse acontecido. Assim como o que se passou com o advogado Mxingi e sua mulher. Isso não podia ter acontecido.

• O senhor ajudou a mudar a África do Sul. Olhando para trás, o que teria feito de forma diferente?

TUTU: Talvez devesse ter sido menos agressivo. Talvez tenha sido agressivo em lugares onde poderia ter me saído melhor sendo um pouco mais gentil. Talvez tenha sido intemperado. No processo machucam-se pessoas que não se quer machucar. É muito fácil achar que somos melhores do que aqueles a quem estamos atacando, que somos um enviado especial de Deus. São coisas em que às vezes fico pensando.

• Esse é o país que resultou da luta de pessoas como o senhor e o presidente Mandela. O que virá depois? O que restaurá a fazer para as próximas gerações?

TUTU: Consolidar a vitória do que se considera um milagre. Na verdade é um milagre, quando pensamos de onde viemos, é impressionante. Olhamos para coisas que acontecem hoje e perguntamos: por que esperamos tanto tempo por coisas tão normais, como as crianças irem às mesmas escolas. Por que esperamos tanto para chegar a esse ponto? Por que deixamos as pessoas sofrerem desnecessariamente e por tanto tempo?